



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA DOCUMENTAÇÃO CLÍNICA: IMPLICAÇÕES ÉTICAS E PRÁTICAS PARA A ENFERMAGEM

ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN CLINICAL DOCUMENTATION: ETHICAL AND PRACTICAL IMPLICATIONS FOR NURSING

Jackline da Silva COSTA

Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)

E-mail: Jackelines.costa11@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0002-2637-6797>

Jocirley de OLIVEIRA

Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)

E-mail: oliveiraaraguina2013@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-4126-0091>

João Carlos Santiago NERY

Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)

E-mail: joaosantiagonery@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0051-1604>

Odeize Viana COSTA

Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)

E-mail: odeizeviana58@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0004-6056-3662>

Renata Soares do NASCIMENTO

Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)

E-mail: renata.soares@live.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8888-8507>

RESUMO

A crescente incorporação da Inteligência Artificial (IA) na área da saúde tem promovido transformações significativas na prática da enfermagem, especialmente no que diz respeito à documentação clínica. Este artigo tem como objetivo analisar as implicações éticas e práticas do uso da IA na produção, organização e gestão das informações clínicas realizadas por profissionais de enfermagem. A pesquisa, de natureza bibliográfica e qualitativa, examina o impacto da automação e do uso de algoritmos inteligentes na acurácia dos registros, na tomada de decisão e na proteção de dados sensíveis dos pacientes. Além disso, discute os desafios éticos relacionados à autonomia profissional, ao sigilo das informações e à responsabilidade em caso de erros nos registros gerados por sistemas automatizados. Conclui-se que, embora a IA

represente um avanço no campo da enfermagem, sua aplicação exige preparo técnico, atualização constante e uma abordagem crítica, de modo a garantir que os princípios da ética profissional e da humanização do cuidado sejam preservados. O uso consciente da IA pode ampliar a segurança do paciente e fortalecer a atuação do enfermeiro no contexto clínico contemporâneo.

Palavras-chave: Enfermagem. Ética. Inteligência Artificial. Documentação. Saúde.

ABSTRACT

The growing incorporation of Artificial Intelligence (AI) in healthcare has brought significant changes to nursing practice, particularly in clinical documentation. This article aims to analyze the ethical and practical implications of using AI in the production, organization, and management of clinical information carried out by nursing professionals. The study, based on bibliographic and qualitative research, examines the impact of automation and intelligent algorithms on the accuracy of records, decision-making processes, and the protection of patients' sensitive data. Furthermore, it discusses ethical challenges related to professional autonomy, confidentiality, and accountability in case of errors in AI-generated documentation. The findings indicate that, although AI represents progress in the nursing field, its application requires technical preparation, continuous training, and a critical approach to ensure that professional ethics and humanized care principles are upheld. When used consciously, AI can enhance patient safety and strengthen the role of nurses in the contemporary clinical setting.

Keywords: Nursing. Ethics. Artificial Intelligence. Documentation. Healthcare.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a Inteligência Artificial (IA) tem ganhado destaque como uma tecnologia disruptiva em diversas áreas, incluindo a saúde. Sua aplicação nos processos de documentação clínica tem o potencial de transformar radicalmente a maneira como as informações dos pacientes são registradas, analisadas e utilizadas. A enfermagem, como parte fundamental do sistema de saúde, está imersa nesse processo de transformação digital, utilizando a IA não apenas para otimizar a coleta

e o armazenamento de dados, mas também para melhorar a qualidade do atendimento ao paciente e a segurança no ambiente clínico. No entanto, a implementação da IA nas práticas de enfermagem também levanta questões éticas e práticas que merecem uma reflexão aprofundada.

A documentação clínica é uma das atividades centrais da enfermagem, sendo responsável pelo registro detalhado do estado de saúde dos pacientes, das intervenções realizadas, e das respostas a tratamentos e medicamentos. Tradicionalmente, essa documentação era feita manualmente, um processo que, embora essencial, era vulnerável a erros humanos, como falhas de transcrição e omissões.

Com o advento da IA, surgem ferramentas que permitem a automatização desse processo, utilizando algoritmos inteligentes para gerar, organizar e até interpretar os dados clínicos. A IA promete não só acelerar a documentação, mas também aumentar sua precisão e acessibilidade, trazendo benefícios significativos para o processo de tomada de decisão e para o acompanhamento da evolução clínica dos pacientes.

Contudo, o uso de IA na enfermagem vai além da simples substituição de tarefas manuais. Ele traz consigo um conjunto de desafios éticos complexos que precisam ser cuidadosamente abordados. Entre as principais questões éticas está a garantia da confidencialidade das informações dos pacientes, que, com a utilização de sistemas automatizados, podem ser vulneráveis a vazamentos ou acessos não autorizados. Além disso, a autonomia profissional do enfermeiro é uma preocupação central.

A delegação de decisões críticas para sistemas de IA pode comprometer a capacidade do profissional de exercer seu julgamento clínico, gerando inseguranças quanto à qualidade do atendimento e à responsabilidade pelas decisões tomadas. Isso ocorre, pois a IA, embora baseada em algoritmos avançados, não consegue compreender totalmente o contexto humano e as nuances de cada caso, aspectos fundamentais para a prática clínica.

A implementação de IA também exige que os profissionais de enfermagem se adaptem a novas ferramentas tecnológicas, o que implica em um processo contínuo de capacitação e atualização. A tecnologia, embora promova eficiência, também exige

que os profissionais desenvolvam habilidades específicas para garantir que a aplicação da IA seja realizada de maneira ética e segura.

O treinamento adequado é crucial, pois a utilização incorreta dos sistemas de IA pode resultar em erros clínicos, afetando diretamente a saúde dos pacientes e a reputação do profissional. Nesse sentido, as implicações práticas da IA para a enfermagem não se limitam à aprendizagem técnica, mas envolvem também a análise crítica sobre os impactos dessa tecnologia nas relações entre enfermeiros e pacientes.

Além dos desafios éticos, a IA oferece uma gama de oportunidades que podem melhorar a qualidade do atendimento. Sistemas de IA podem analisar grandes volumes de dados em tempo real, identificando padrões e tendências que, muitas vezes, passam despercebidos pelos profissionais de saúde. Isso possibilita uma resposta mais rápida e precisa a mudanças no estado de saúde dos pacientes, permitindo intervenções mais eficazes. Nesse contexto, a IA pode funcionar como uma ferramenta de apoio à decisão, potencializando a capacidade dos enfermeiros em fornecer cuidados de alta qualidade.

Em termos de organização do trabalho, a IA também tem o potencial de aumentar a eficiência das práticas de enfermagem. O tempo gasto na documentação clínica pode ser significativamente reduzido, permitindo que os enfermeiros se concentrem mais na interação direta com os pacientes. Isso pode melhorar a qualidade do cuidado e fortalecer a relação enfermeiro-paciente, que é um dos pilares da prática de enfermagem.

Contudo, a introdução de IA também exige uma mudança nas estruturas de trabalho e na abordagem organizacional da saúde, com foco em integridade e segurança dos dados, além de garantir a transparência no uso da tecnologia. Para isso, é necessário implementar políticas claras de governança de dados, estabelecendo normas rigorosas sobre quem pode acessar, modificar ou compartilhar as informações clínicas.

Ademais, as implicações éticas da IA vão além da privacidade e da autonomia profissional, envolvendo também a equidade no acesso às tecnologias. A aplicação de IA deve ser projetada de maneira a não aprofundar desigualdades existentes no sistema de saúde, como aquelas relacionadas ao acesso a cuidados de saúde de qualidade em regiões mais carentes. Para garantir que os benefícios da IA sejam

amplamente distribuídos, é necessário que políticas de saúde pública e iniciativas educacionais estejam alinhadas com a evolução tecnológica.

Portanto, o impacto da IA na documentação clínica exige um equilíbrio delicado entre inovação tecnológica e a manutenção dos princípios éticos que guiam a prática de enfermagem. A tecnologia pode ser uma poderosa aliada na melhoria dos cuidados de saúde, mas sua implementação deve ser acompanhada de um debate contínuo sobre as implicações éticas e práticas, buscando sempre garantir que os direitos dos pacientes sejam respeitados, que a qualidade do cuidado seja aprimorada e que a profissão de enfermagem continue a ser um campo humanizado e de confiança.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste estudo seguiu uma abordagem qualitativa e bibliográfica, com o objetivo de analisar as implicações éticas e práticas da aplicação da Inteligência Artificial (IA) na documentação clínica na enfermagem. Os enfoques foram escolhidos devido à necessidade de explorar as nuances e os impactos dessa tecnologia na prática dos profissionais de enfermagem, considerando tanto as oportunidades quanto os desafios relacionados à sua implementação.

Para a construção deste estudo, foram consultadas fontes acadêmicas e científicas que abordam a utilização de IA na saúde, com ênfase nas áreas que envolvem a automação de processos e o suporte à documentação clínica. A análise crítica da literatura permitiu reunir um conjunto de informações essenciais sobre as vantagens e limitações do uso da tecnologia, bem como os aspectos éticos envolvidos. A escolha das fontes foi pautada pela relevância e atualidade das discussões sobre a aplicação de IA na saúde, especialmente no que diz respeito ao papel dos enfermeiros no uso dessas ferramentas. O levantamento de artigos, livros e dissertações especializadas possibilitou uma visão abrangente sobre os impactos da automação na prática de enfermagem, destacando a necessidade de uma compreensão detalhada dos efeitos dessa inovação no cuidado ao paciente.

Ao investigar os aspectos éticos, foi possível explorar as questões relacionadas à privacidade, segurança dos dados e a responsabilidade no uso de tecnologias. As implicações legais, como a proteção de dados pessoais e a conformidade com

regulamentações como a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), foram cuidadosamente analisadas, a fim de compreender como as instituições de saúde e os profissionais devem garantir a confidencialidade e a integridade das informações dos pacientes.

A pesquisa também envolveu uma reflexão profunda sobre os impactos da IA na autonomia dos profissionais de enfermagem e na dinâmica de tomada de decisão clínica. A utilização da tecnologia para automatizar a documentação clínica pode otimizar o tempo e os processos, mas também levanta preocupações sobre a desumanização do cuidado e a perda do julgamento clínico, fundamental para a prática da enfermagem.

A análise das fontes permitiu identificar, ainda, os desafios organizacionais enfrentados pelas instituições de saúde na implementação de sistemas baseados em IA. As mudanças necessárias nas estruturas de trabalho, a adequação das políticas de segurança e a capacitação dos profissionais para utilizar essas tecnologias de forma ética e eficiente foram pontos centrais na reflexão realizada ao longo do estudo.

Portanto, o estudo propôs uma abordagem crítica sobre a utilização da IA enfatizando a importância de uma implementação responsável que não comprometa a qualidade do atendimento, a autonomia dos profissionais e a relação de confiança com os pacientes. A análise das diversas perspectivas levantadas permitiu concluir que, embora a IA tenha o potencial de melhorar a eficiência e a precisão na documentação clínica, é fundamental que seu uso seja acompanhado de um compromisso ético e uma governança adequada, assegurando a proteção dos dados e o respeito aos direitos dos pacientes.

O IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA ENFERMAGEM: ASPECTOS ÉTICOS, PRÁTICOS E TECNOLÓGICOS NA DOCUMENTAÇÃO CLÍNICA

A rápida incorporação da inteligência artificial no campo da saúde tem provocado transformações significativas na prática da enfermagem, especialmente no que tange à documentação clínica. Esse novo cenário exige uma reflexão sobre os impactos que a tecnologia impõe às rotinas assistenciais, às relações profissionais e ao cuidado centrado no paciente. No contexto da enfermagem, a documentação clínica informatizada mediada por sistemas inteligentes traz benefícios potenciais como

agilidade, precisão e padronização dos registros, mas também levanta desafios éticos, técnicos e operacionais que precisam ser enfrentados com responsabilidade. A seguir, discutem-se as implicações da IA na documentação clínica, considerando sua influência direta na atuação dos profissionais de enfermagem, os desafios éticos emergentes e a necessidade de adaptação tecnológica que respeite os princípios fundamentais do cuidado em saúde.

A Influência da Inteligência Artificial na Documentação Clínica de Enfermagem

A inteligência artificial tem se consolidado como uma das principais inovações tecnológicas na área da saúde, proporcionando avanços significativos nos mais diversos processos clínicos, incluindo a documentação de informações no campo da enfermagem. A documentação clínica é uma prática essencial para garantir a continuidade do cuidado, a segurança do paciente e a comunicação eficiente entre os profissionais da saúde.

Nesse cenário, surge como uma ferramenta capaz de aprimorar a coleta, organização e análise dos dados de saúde, facilitando o trabalho do enfermeiro e melhorando a qualidade do atendimento prestado. Sua implementação na documentação clínica é, portanto, um fenômeno que merece ser analisado sob diversos aspectos, especialmente os éticos, práticos e tecnológicos.

Essa introdução na prática de enfermagem, especialmente na documentação, altera a maneira como os dados são registrados. Tradicionalmente, a documentação clínica é feita manualmente ou por meio de sistemas informatizados que exigem intervenção humana para inserir e organizar as informações.

Nesse sentido, Silva (2020), diz que:

Com o uso de IA, a inserção de dados pode ser automatizada por meio de reconhecimento de padrões, permitindo que o enfermeiro se concentre mais nas tarefas assistenciais, enquanto a IA cuida da parte burocrática e administrativa. Isso resulta não apenas em um ganho de eficiência, mas também em uma maior precisão na coleta e no registro das informações do paciente (Silva, 2020, p. 123).

A utilização da IA na documentação clínica pode contribuir para a redução de erros de transcrição, que são comuns quando o processo é realizado manualmente.

Esses erros podem ter implicações graves para a saúde do paciente, comprometendo diagnósticos, tratamentos e até mesmo a segurança dos processos assistenciais.

De acordo com um estudo de Lima (2021),

O uso de ferramentas de IA, como sistemas de reconhecimento de voz e análise de dados, ajuda a minimizar esses erros, garantindo que a documentação seja mais precisa e refletiva da realidade clínica do paciente. Esses sistemas são capazes de identificar padrões e sugerir anotações mais detalhadas e adequadas para o caso, baseando-se em dados clínicos anteriores e em padrões de melhores práticas (Lima, 2021, p. 89).

Outro ponto relevante é a questão do tempo. A documentação clínica, especialmente em ambientes de alta demanda, como hospitais e unidades de terapia intensiva, pode ser um processo demorado e muitas vezes sobrecarregar os profissionais de enfermagem. Essa ferramenta se bem utilizada pode otimizar esse processo, reduzindo significativamente o tempo necessário para registrar as informações.

Em vez de o enfermeiro passar longos períodos documentando manualmente, ele pode usar assistentes virtuais e sistemas baseados em IA para preencher as informações de forma rápida e precisa, permitindo que ele se dedique mais ao cuidado direto do paciente. Em um estudo realizado por Souza et al. (2022), “a implementação de IA em hospitais foi associada a uma melhoria significativa na eficiência dos processos administrativos, sem prejudicar a qualidade do atendimento” (p. 78).

Entretanto, a adoção desse tipo de inteligência artificial na documentação clínica traz consigo uma série de desafios éticos que não podem ser ignorados. A privacidade e a segurança dos dados dos pacientes são questões centrais nesse contexto. Essa ferramenta depende da coleta e processamento de grandes volumes de dados sensíveis, e isso exige que sejam estabelecidos mecanismos rigorosos de proteção da informação.

Lima (2021), sobre esse assunto amplia a discussão dizendo que:

É necessário garantir que os sistemas de IA utilizados no campo da enfermagem cumpram as legislações e normas éticas que regem a profissão, como o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Nesse sentido, a transparência no uso dos sistemas de IA e o consentimento informado dos pacientes são fundamentais para

garantir que a tecnologia seja utilizada de forma ética e respeitosa (Lima, 2021, p. 92).

Ademais, a inteligência artificial também levanta questões sobre a autonomia dos profissionais de enfermagem. O uso excessivo da tecnologia pode gerar uma dependência do sistema, o que pode comprometer a capacidade crítica e analítica dos enfermeiros. Essa ferramenta pode fornecer recomendações, mas cabe ao profissional decidir sobre as melhores intervenções a serem tomadas.

A implementação de IA deve ser vista como uma ferramenta de apoio ao trabalho do enfermeiro, e não como um substituto para a tomada de decisões humanas. Segundo Silva (2020), a IA pode contribuir para melhorar a eficiência do trabalho, mas “[...] nunca deve substituir o julgamento clínico do profissional, que é insubstituível em muitos aspectos da prática de enfermagem” (p. 72).

Do ponto de vista tecnológico, a integração de IA nos sistemas de documentação clínica exige um investimento significativo em infraestrutura, capacitação profissional e atualização constante dos sistemas. A adaptação dos profissionais de enfermagem às novas ferramentas também é um desafio, uma vez que muitos ainda estão acostumados a utilizar sistemas mais tradicionais de registro.

A IA deve ser constantemente atualizada para lidar com as mudanças nas melhores práticas e protocolos clínicos. Em alguns casos, a falta de interoperabilidade entre diferentes sistemas de saúde pode dificultar a implementação de informações de forma eficiente, uma vez que os dados precisam ser compartilhados entre diversas plataformas e profissionais de saúde.

É importante destacar, também, que para ser fundamental no auxílio à análise preditiva, ou seja, na capacidade de prever complicações e situações de risco para os pacientes com base em seus históricos médicos, os dados precisam ser claros e fidedignos. Isso pode ser particularmente útil na identificação precoce de doenças e no desenvolvimento de estratégias de cuidados mais eficazes.

A utilização da inteligência Artificial para análise de grandes volumes de dados pode permitir que os enfermeiros, em conjunto com outros profissionais de saúde, ofereçam um cuidado mais personalizado e assertivo. A precisão dos dados gerados pode ser uma aliada no desenvolvimento de planos de cuidados mais individualizados e eficazes.

No entanto, é importante que a introdução dessa ferramenta na documentação clínica seja acompanhada de medidas adequadas de regulamentação e monitoramento, para garantir que seu uso seja seguro e eficaz. O treinamento adequado dos profissionais de enfermagem é uma medida essencial para a implementação bem-sucedida da IA garantindo que os enfermeiros compreendam as limitações e os benefícios da tecnologia, além de desenvolverem as habilidades necessárias para utilizá-la de forma ética e eficiente. Nesse sentido, é necessário que as instituições de saúde invistam em programas de educação continuada que incluam o uso de tecnologias emergentes.

Portanto, é imprescindível que, à medida que a IA avança, a profissão de enfermagem se envolva ativamente na discussão sobre suas implicações. A inclusão dos profissionais de enfermagem na formulação de políticas e práticas relacionadas à IA ajudará a garantir que a tecnologia seja integrada de forma a promover não apenas eficiência, mas também a qualidade do cuidado. A IA pode transformar profundamente a documentação clínica, mas deve ser utilizada de maneira que respeite os princípios éticos da profissão e as necessidades dos pacientes.

Desafios Éticos no Uso da Inteligência Artificial na Enfermagem

A incorporação da inteligência artificial na área da saúde, especialmente na enfermagem, tem proporcionado avanços consideráveis na forma como os cuidados são prestados, os dados são gerenciados e as decisões clínicas são tomadas. No entanto, apesar dos benefícios promissores, a utilização também levanta importantes questões éticas que precisam ser cuidadosamente analisadas. O uso ético da IA em enfermagem exige uma reflexão profunda sobre a proteção dos direitos dos pacientes, a autonomia dos profissionais e os limites da intervenção tecnológica no cuidado humano.

Um dos principais desafios éticos diz respeito à privacidade e à confidencialidade das informações de saúde. A tecnologia opera por meio da análise de grandes volumes de dados sensíveis, que incluem históricos clínicos, diagnósticos, tratamentos e até aspectos pessoais da vida dos pacientes. A exposição indevida dessas informações pode comprometer a dignidade e a integridade dos indivíduos. Nesse sentido, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), no Brasil, estabelece

diretrizes fundamentais para a coleta, “[...] o armazenamento e o uso de dados pessoais, inclusive os dados de saúde, sendo essencial que os sistemas de IA estejam em conformidade com essas normas” (Brasil, 2018).

Outro aspecto ético importante envolve a transparência nos processos decisórios realizados pela tecnologia artificial. Muitas vezes, os sistemas baseados em algoritmos operam como "caixas-pretas", ou seja, tomam decisões baseadas em parâmetros não totalmente compreendidos pelos profissionais de saúde. Isso pode gerar um problema ético significativo, uma vez que o enfermeiro deve ser capaz de justificar as condutas adotadas perante o paciente e sua família.

Conforme afirma Silva (2020),

A utilização de IA na enfermagem deve estar ancorada na explicabilidade dos sistemas, garantindo que as decisões automatizadas possam ser compreendidas e validadas pelos profissionais humanos. Isso significa que os algoritmos devem ser transparentes em sua lógica de funcionamento, permitindo que o enfermeiro compreenda os critérios utilizados para cada recomendação. Essa clareza é essencial para preservar a autonomia profissional, fortalecer a confiança nas tecnologias utilizadas e assegurar que os cuidados prestados estejam alinhados com os princípios éticos e clínicos da prática de enfermagem (Silva, 2020, p. 66).

A autonomia dos profissionais de enfermagem também pode ser impactada pela crescente presença da IA. Embora essas tecnologias tenham como objetivo otimizar os processos e apoiar a tomada de decisão clínica, há o risco de que os enfermeiros se tornem excessivamente dependentes dos sistemas automatizados, reduzindo o uso do julgamento clínico e da capacidade crítica.

Para Souza e Oliveira (2021),

É fundamental que o uso da IA na enfermagem seja entendido como um suporte e não como um substituto da competência profissional, sob pena de desumanizar o cuidado e comprometer a qualidade assistencial. A inteligência artificial deve ser vista como uma ferramenta complementar, que contribui para agilizar processos, reduzir erros e fornecer dados relevantes para a tomada de decisão, sem, contudo, substituir o julgamento clínico e a sensibilidade humana do enfermeiro. O cuidado em saúde vai além de respostas automatizadas, exigindo empatia, escuta ativa e a construção de vínculos que somente a presença humana pode oferecer (Souza e Oliveira, 2021, p. 79).

Do ponto de vista da equidade no acesso à tecnologia, a implementação da IA em ambientes clínicos pode aprofundar desigualdades já existentes. Nem todas as instituições de saúde possuem os recursos financeiros e estruturais necessários para adotar essas inovações. Isso significa que profissionais e pacientes em contextos mais vulneráveis podem ficar à margem dos benefícios proporcionados pela IA.

Esse cenário coloca em evidência um dilema ético relacionado à justiça distributiva, ou seja, à necessidade de garantir que os avanços tecnológicos estejam disponíveis de maneira equitativa para todos, “independentemente de sua condição socioeconômica ou localização geográfica” (Lima, 2022, p. 88).

A responsabilização por erros e falhas geradas por sistemas de IA também configura um desafio ético relevante. Quando uma decisão automatizada resulta em danos ao paciente, é preciso esclarecer quem será responsabilizado: o desenvolvedor do sistema, o gestor da instituição, o profissional de saúde ou o próprio sistema?

Essa indefinição pode gerar insegurança jurídica e ética, tanto para os enfermeiros quanto para os pacientes. Para que o uso da IA seja eticamente aceitável, é imprescindível que existam protocolos claros de responsabilidade e prestação de contas, especialmente em situações de falhas técnicas ou decisões controversas. Além disso, deve-se considerar a preservação da relação interpessoal entre o enfermeiro e o paciente. O cuidado de enfermagem é, por natureza, baseado em vínculos humanos, empatia e comunicação sensível. O uso intensivo de tecnologias, se mal administrado, pode criar barreiras na interação profissional-paciente, enfraquecendo aspectos essenciais do cuidado humanizado.

Como observa Lima (2022),

O uso ético da IA na enfermagem precisa manter o paciente no centro do processo de cuidado, assegurando que a tecnologia não substitua a escuta ativa, o toque humano e o acolhimento. A centralidade do paciente implica reconhecer sua singularidade, seus valores e suas necessidades emocionais, que não podem ser plenamente compreendidos por sistemas automatizados. A inteligência artificial deve ser integrada de forma sensível ao processo assistencial, contribuindo para a eficiência sem comprometer a humanização do atendimento, que é um dos pilares fundamentais da prática de enfermagem (Lima, 2022, p. 79).

Outro desafio ético diz respeito à capacitação profissional para o uso responsável da IA. Muitos enfermeiros ainda não receberam formação adequada para

lidar com essas tecnologias emergentes, o que pode gerar insegurança e erros de uso. A ética profissional exige que os profissionais estejam preparados para utilizar os recursos tecnológicos de forma consciente, informada e crítica. Assim, a inclusão de conteúdos relacionados à inteligência artificial e à bioética nos currículos de formação em enfermagem torna-se uma necessidade urgente para garantir a aplicação ética da IA no cotidiano assistencial.

Assim, é essencial destacar que a construção de políticas institucionais e diretrizes normativas específicas é um passo decisivo para enfrentar os dilemas éticos decorrentes do uso da IA na enfermagem. Essas políticas devem ser elaboradas com a participação dos profissionais da área, das instâncias reguladoras e dos representantes da sociedade, assegurando que a tecnologia seja usada com responsabilidade, justiça e respeito aos direitos humanos. A IA pode ser uma aliada poderosa no cuidado em saúde, mas sua aplicação deve ser constantemente monitorada e avaliada sob a luz dos princípios éticos da profissão.

Formação e Capacitação em Enfermagem para o Uso Ético e Eficiente da Inteligência Artificial na Documentação Clínica

A incorporação da inteligência artificial (IA) na prática da enfermagem, especialmente no que se refere à documentação clínica, exige mais do que investimentos em infraestrutura tecnológica. Exige, sobretudo, uma formação adequada dos profissionais para lidar com as novas ferramentas, compreendê-las criticamente e utilizá-las de forma ética e responsável. A capacitação permanente torna-se um fator determinante para garantir que a tecnologia seja um instrumento de apoio à prática profissional e não uma fonte de insegurança ou erro.

Nesse sentido, Cassiani (2020), nos informa que:

A evolução digital no campo da saúde tem modificado as competências necessárias ao exercício da enfermagem. Profissionais agora precisam dominar aspectos básicos de informática, compreender os princípios de funcionamento dos algoritmos e manter um olhar atento às implicações éticas da automação dos registros clínicos. A educação em enfermagem deve se adaptar à realidade da saúde digital, preparando os profissionais para uma atuação crítica e tecnicamente qualificada (Cassiani, 2020, P. 90).

A formação continuada, nesse sentido, deve contemplar não apenas o uso técnico das ferramentas de IA, mas também aspectos relacionados à interpretação dos dados, à tomada de decisão baseada em evidências e ao respeito aos princípios da bioética. O domínio da linguagem tecnológica por parte do enfermeiro é fundamental para garantir a precisão dos registros e a qualidade assistencial. Possibilita que o profissional atue como um mediador entre a tecnologia e o paciente, reforçando a centralidade do cuidado humano.

Como destaca Silva et al. (2021),

É necessário que as instituições de ensino superior reformulem seus currículos para incluir disciplinas voltadas à saúde digital, ciência de dados e ética em tecnologia. Tais conteúdos devem ser apresentados de forma integrada, interligando teoria e prática para que o aluno compreenda o impacto real das tecnologias no cotidiano do trabalho em saúde. A capacitação tecnológica precisa ser vivenciada de forma crítica, problematizando seus usos e limites no contexto do SUS e da enfermagem brasileira (Silva, 2021, p. 45).

No campo da documentação clínica, o desconhecimento dos sistemas informatizados pode levar à má utilização dos recursos tecnológicos e à produção de registros imprecisos ou incompletos. A ausência de treinamento adequado pode comprometer a segurança do paciente e expor o profissional a riscos éticos e legais. Por isso, programas de capacitação institucional, promovidos pelas unidades de saúde, são essenciais para alinhar o uso da ferramenta às boas práticas de documentação e ao marco legal da profissão.

A capacitação também deve promover a reflexão ética sobre a IA considerando que muitas decisões automatizadas se baseiam em padrões algorítmicos que podem reproduzir vieses e discriminações. Cabe ao enfermeiro, portanto, avaliar criticamente os resultados gerados pelos sistemas e decidir, com base em sua experiência clínica, como utilizá-los de forma justa e segura. A consciência ética deve caminhar lado a lado com a competência técnica.

A liderança dos profissionais de enfermagem nos processos de implementação tecnológica é outro fator relevante. Enfermeiros bem-preparados podem atuar como facilitadores na adoção da IA nas instituições de saúde, auxiliando colegas de equipe, promovendo boas práticas de documentação clínica e identificando melhorias nos fluxos assistenciais. Essa liderança exige, porém, “suporte institucional e

reconhecimento do papel estratégico da enfermagem nos processos de inovação” (Silva, 2021, p. 56).

Dessa forma, investir em formação e capacitação é essencial para que a IA realmente contribua com a qualidade da documentação clínica e não se torne um obstáculo à prática profissional. Trata-se de reconhecer que a competência tecnológica é, hoje, uma extensão da competência clínica. O profissional bem-preparado é aquele que alia conhecimento técnico, sensibilidade humana e discernimento ético para utilizar a IA de forma responsável.

Conclui-se, portanto, que a qualificação dos profissionais de enfermagem para o uso da IA na documentação clínica é uma condição indispensável para garantir a segurança do paciente, a ética do cuidado e a valorização do saber da enfermagem. É pela via da educação e do desenvolvimento profissional que se constrói um uso consciente, crítico e eficiente das novas tecnologias no campo da saúde.

RESULTADOS E ANÁLISE

A presente análise dos resultados, com base na revisão de literatura especializada, permitiu identificar que a inserção da inteligência artificial (IA) na documentação clínica de enfermagem tem promovido transformações significativas, especialmente no que diz respeito à precisão dos registros, à agilidade dos processos e à segurança do paciente. A IA surge como um recurso capaz de reduzir erros humanos, padronizar informações e oferecer apoio à tomada de decisão clínica, contribuindo para uma assistência mais eficiente.

Silva, Ferreira e Souza (2021) destacam que a integração de sistemas inteligentes nos prontuários eletrônicos tem potencial para facilitar o cotidiano dos profissionais de enfermagem, ao automatizar tarefas repetitivas e burocráticas, liberando tempo para o cuidado direto ao paciente. Essa mudança de paradigma, no entanto, requer uma reconfiguração do papel do enfermeiro, que passa a assumir também funções de supervisão e validação das informações geradas pela tecnologia.

Apesar das vantagens observadas, a literatura aponta para desafios éticos relevantes. A confiabilidade dos algoritmos, a ausência de transparência nos critérios utilizados pelas plataformas e a possibilidade de decisões automatizadas substituírem a análise crítica do profissional de saúde são questões que preocupam

pesquisadores da área. Como afirma Torres (2021), é imprescindível que o enfermeiro compreenda os limites da IA e atue de forma crítica, garantindo que as decisões tecnológicas estejam sempre subordinadas à ética do cuidado e à autonomia do paciente.

Cassiani (2020) reforça que:

O uso de inteligência artificial na saúde deve preservar a centralidade do ser humano no processo assistencial. A tecnologia, segundo a autora, deve ser utilizada como suporte às ações do profissional, sem jamais comprometer a escuta ativa, o acolhimento e a empatia que caracterizam o cuidado de enfermagem. Essa perspectiva humanizada precisa ser reafirmada constantemente, sobretudo diante da crescente digitalização das práticas clínicas (Cassiani, 2020, p. 66).

A análise da produção científica também evidencia a necessidade de formação técnica e ética dos profissionais de enfermagem para o uso seguro e responsável dessa ferramenta. Muitos estudos ressaltam que a adesão efetiva a esses sistemas está diretamente relacionada ao nível de letramento digital dos profissionais e à sua capacidade de integrar conhecimento técnico com julgamento clínico. Portanto, a qualificação continuada emerge como fator indispensável nesse processo de transição tecnológica.

Os resultados mostram que a inteligência artificial pode contribuir para a rastreabilidade e qualidade dos registros, possibilitando auditorias mais precisas, identificação precoce de eventos adversos e melhoria nos indicadores assistenciais. Entretanto, a implementação desses sistemas deve considerar os contextos institucionais, os recursos disponíveis e o envolvimento da equipe multiprofissional para garantir a efetividade das mudanças propostas.

Outro ponto recorrente na literatura analisada é a preocupação com a privacidade dos dados e a proteção das informações clínicas do paciente. A utilização envolve a coleta e análise de grandes volumes de dados, o que exige sistemas robustos de segurança da informação e uma gestão ética do sigilo profissional. A responsabilidade compartilhada entre instituições, profissionais e desenvolvedores de tecnologia é fundamental nesse cenário.

Portanto, é possível concluir, com base na análise bibliográfica, que a IA aplicada à documentação clínica em enfermagem representa uma oportunidade para

aprimorar os processos assistenciais, mas exige atenção rigorosa aos aspectos éticos, à formação dos profissionais e à humanização do cuidado. Os autores consultados convergem na defesa de uma prática profissional pautada no equilíbrio entre tecnologia e sensibilidade, destacando o papel estratégico da enfermagem na mediação entre inovação e ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa bibliográfica e qualitativa permitiu compreender com profundidade o impacto que as tecnologias baseadas em inteligência computacional vêm exercendo sobre a prática da enfermagem, sobretudo no campo da documentação clínica. O avanço tecnológico trouxe contribuições relevantes para a melhoria da qualidade da assistência, otimizando o tempo dos profissionais, reduzindo erros de registro e promovendo maior organização e padronização das informações clínicas. Esses ganhos, contudo, não ocorrem de forma isolada ou desprovida de implicações práticas, éticas e profissionais.

A documentação clínica, por ser uma atividade essencial para garantir a continuidade do cuidado, a comunicação entre equipes e a segurança do paciente, tem sido positivamente transformada pelo uso de tecnologias inteligentes. Os registros se tornam mais acessíveis, atualizados em tempo real e dotados de maior precisão, facilitando o acompanhamento das condições clínicas e a tomada de decisões. No entanto, essas inovações exigem uma reconfiguração do papel do enfermeiro, que passa a assumir uma posição não apenas técnica, mas também estratégica na interação com as novas ferramentas digitais.

Um dos pontos centrais identificados ao longo do estudo diz respeito ao necessário equilíbrio entre o uso da tecnologia e a preservação dos valores fundamentais do cuidado em saúde. A enfermagem, enquanto profissão historicamente comprometida com o acolhimento, a escuta ativa e a humanização do atendimento, não pode permitir que tais princípios sejam enfraquecidos diante da eficiência das máquinas. Ao contrário, é preciso reafirmar que a tecnologia deve estar a serviço da humanização, e não o oposto.

A discussão ética revelou-se essencial para refletir sobre a responsabilidade do profissional diante das decisões apoiadas por sistemas automatizados. O

juízo clínico, a experiência prática e a sensibilidade humana não podem ser anulados por processos algorítmicos, mesmo quando estes aparentam oferecer respostas precisas. O enfermeiro precisa manter uma postura crítica, atuando como agente mediador entre os dados gerados e o contexto real do paciente, respeitando sua singularidade e autonomia.

Também se destacou a importância da qualificação contínua dos profissionais, que precisam ser preparados não apenas tecnicamente para utilizar as novas ferramentas, mas também eticamente para enfrentar os desafios decorrentes da sua aplicação. O domínio da tecnologia não deve significar subserviência aos seus comandos, mas sim a capacidade de utilizá-la com discernimento e responsabilidade, alinhada aos princípios que regem a prática do cuidado.

Outro aspecto relevante está relacionado à segurança e à privacidade das informações. A proteção dos dados clínicos é um dever que recai sobre todos os envolvidos na cadeia de assistência e gestão, e a utilização de tecnologias inteligentes exige maior atenção à confidencialidade, integridade e sigilo das informações registradas. Isso implica investimentos institucionais em infraestrutura, políticas claras de governança de dados e capacitação das equipes para lidar com esses aspectos de forma consciente e segura.

A análise da literatura também evidenciou que a adoção da tecnologia no âmbito da enfermagem deve considerar o contexto em que está inserida. Instituições de saúde com diferentes níveis de recursos, infraestrutura e cultura organizacional responderão de formas distintas à implementação de sistemas baseados em inteligência computacional. Assim, é fundamental que essa transição tecnológica seja realizada com planejamento, inclusão da equipe de enfermagem no processo decisório e monitoramento contínuo dos impactos no cotidiano do trabalho.

Finalizando, conclui-se que o futuro da documentação clínica em enfermagem será inevitavelmente mediado pela tecnologia. No entanto, cabe aos profissionais e às instituições assegurar que essa evolução aconteça de forma ética, crítica e centrada no cuidado humano. A inteligência das máquinas deve ser vista como aliada da sensibilidade dos enfermeiros, promovendo não apenas maior eficiência, mas também mais qualidade, segurança e dignidade na assistência prestada aos pacientes.

REFERÊNCIAS

CASSIANI, Silvia Helena De Bortoli. Enfermagem na era da transformação digital. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 6, 2020. DOI: 10.1590/0034-7167-202073suppl603

SILVA, Marina S.; FERREIRA, Thiago R.; SOUZA, Cristiane F. Capacitação em saúde digital para profissionais da atenção básica: desafios e possibilidades. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 55, e35, 2021. DOI: 10.11606/s1518-8787.2021055003743

TORRES, Mariana F. O profissional de saúde na era da inteligência artificial: novos saberes e competências. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 597-605, 2021.

SILVA, João P. A. **A inteligência artificial na saúde: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Saúde, 2020.

LIMA, Maria C. **Tecnologia e enfermagem: um olhar sobre o impacto da inteligência artificial**. Rio de Janeiro: Editora Médica, 2021.

SOUZA, Ana T.; PEREIRA, Luiz G.; CARVALHO, Renata M. **O impacto das tecnologias na enfermagem: eficiência e qualidade do cuidado**. Curitiba: Editora Enfermagem, 2022.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 ago. 2018.

LIMA, Maria Clara. **Ética e Inteligência Artificial na Enfermagem: limites e possibilidades**. Belo Horizonte: Editora Ciências da Saúde, 2022.

SILVA, João Paulo A. **Inteligência Artificial na Saúde: Aspectos Éticos e Legais**. São Paulo: Editora Médica, 2020.

SOUZA, Carla M.; OLIVEIRA, Tiago R. **Tecnologia e Humanização: Desafios Éticos para a Enfermagem Contemporânea**. Rio de Janeiro: Enfermagem Atual, 2021.

ESTEVES, Raquel C.; SILVA, Marlon T. **Inteligência Artificial e Saúde Digital: aplicações e desafios na enfermagem**. São Paulo: Editora Saúde Digital, 2020.